



BIG BROTHER BRASIL: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA SOBRE ESTEREÓTIPO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

BIG BROTHER BRAZIL: A SOCIOLINGUISTIC PERCEPTION ABOUT STEREOTYPE AND LINGUISTIC PREJUDICE

Angélica Prestes Rosas (UENP)¹
angelicaprestes10@gmail.com

Naraiane Taís da Silva (UENP)²
naraiane.thais2@hotmail.com

RESUMO: A Sociolinguística trata a língua como um sistema social heterogêneo (COELHO, 2015; SCHIFFRIN, 2006). Isto é, a mesma possui mudanças que são atreladas ao contexto social de cada indivíduo e ao considerar também as variações linguísticas, criou-se um estereótipo de superioridade a certas variedades regionais, dando a ideia de que existem formas mais corretas de se falar e que o falante deve deixar de lado sua cultura, suas crenças para se adequar a determinado contexto. Desse modo, tanto o preconceito linguístico quanto a xenofobia ficam em evidência mediante as características em ascensão do falante. Nesta perspectiva, este presente artigo tem como finalidade fomentar os casos de preconceito que são abrangentes dentro da língua seja este pelo linguístico, pelo estereótipo ou pelo produto resultante que é a xenofobia. Como objeto de pesquisa decidimos tecer algumas análises a respeito do que acontece com a participante Juliette Freire em um programa de televisão o *Big Brother* Brasil (BBB) de 2021, que é produzido pela rede Globo de televisão e está disponível na plataforma do *Youtube*. Os resultados alegam que a discriminação linguística apresentada pela nordestina, que possui formação acadêmica em Direito e Letras (Artes e Comunicação), envolve não somente os quesitos linguísticos, mas como sua identidade social provando que o preconceito das variantes da língua vão além do contexto regional e perpassa a posição social.

PALAVRAS-CHAVE: Preconceito linguístico; Xenofobia; Estereótipo; *Big Brother* Brasil.

ABSTRACT: Sociolinguistic assumptions believe to language is a social heterogeneous system (COELHO, 2015; SCHIFFRIN, 2006). That is, language remains gradually modifying because of social context of each human being belongs. Simultaneously, linguistics variations inside of mother tongue is providing to stereotypes of superiority in according with regional varieties, more specifically, giving to idea that there is a right form of speech communication, where speakers should to forget their culture or beliefs to adapt a specific context. In reason this, linguistic prejudice, as such as, xenophobia remain in evidence in accordance with announcer features. Under this perspective, this paper pretends to assemble cases of discriminations established to inside of language as linguistics aversions, associated by stereotype or

¹ Graduada em Letras Português/Inglês, pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/2018). Durante a graduação participou do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência de Língua Inglesa (PIBID), atuando nas escolas Estaduais da Cidade de Cornélio Procópio, tendo como aparato o uso dos gêneros textuais, os recursos multimodais e as capacidades de linguagem (2017-2018). Especializada em “Educação do campo e Ensino de Literatura Inglesa” (UNIFCV/2020).

² Graduada em Letras Português/Inglês, pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/2018). Durante a graduação participou do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência de Língua Inglesa (PIBID), atuando nas escolas Estaduais da Cidade de Cornélio Procópio, tendo como aparato o uso dos gêneros textuais, os recursos multimodais e as capacidades de linguagem (2017-2018). Especializando-se em “Metodologia de Ensino em Língua Inglesa” (UNIFCV/2020).



resultant product namely xenophobia. For your information, as object of research will be analyzed some videos parts of event starred by a participant Juliette Freire in a Reality Show denominated Big Brother Brazil (BBB) of 2021 produced by television network Globo, furthermore, found in Youtube platform too. Results showed that the linguistic prejudice occurred in relation of the northeastern competitor graduated in Law and Letters (Arts and Communication) involves more than linguistics questions, as well as, your social identity establishing that discrimination from variation linguistic goes beyond of regional context and overlaps social standing.

KEYWORDS: Linguistic Prejudice; Xenophobia; Stereotype; Big Brother Brazil.

Introdução

O mundo está em constante evolução, seja por pelos meios tecnológicos, avanços medicinais ou pelos métodos de ensino e aprendizagem. Nesse quesito, acreditamos que a língua também perpassa por essas transformações já que a mesma não é homogênea (COELHO, 2015; SCHIFFRIN, 2006), ou seja, as mudanças linguísticas acontecem socialmente de forma gradativa, por meio dos tempos, geograficamente ou estilisticamente dentro da nossa sociedade.

Por esse viés, os estudos sociolinguísticos buscam compreender essas mudanças da língua tentando assim inibir parte dos preconceitos linguísticos apresentados dentro da sociedade. Logicamente, os aparatos da sociolinguística visam as variações linguísticas como uma construção social (COUPLAND, 2007), pois, priorizam o contexto de vida de cada indivíduo suas capacidades, dificuldades ou as estratégias discursivas de cada falante.

Vale enfatizar, que em conjunto com as mudanças linguísticas são gerados os estereótipos que quando mais abrangentes dão origem a xenofobia. Isto é, “[...] a xenofobia pode ser entendida como o comportamento de aversão ao estrangeiro que comine na negativa ou restrição irrazoável do exercício de direitos humanos” (VITORINO¹; VITORINO², 2018, p.100). Embora, este termo também possa ser usado na discriminação do vivente que possui uma identidade linguística ou comportamental divergente do seu próprio país ou distinta de outras geografias de sua nacionalidade.

O *Big Brother* Brasil (doravante BBB21) é um dos programas de entretenimentos mais vistos no país, principalmente, no contexto de pandemia mundial



em que estamos inseridos, devido ao COVID19³. O BBB21 é um *Reality Show* que mostra a vida dos participantes diariamente, sendo vigiados por diversas câmeras. O programa ganhou uma repercussão extremamente elevada, tendo em vista o crescimento de Juliette Freire nas redes sociais, que no momento da produção deste artigo possui 31 milhões de seguidores.

A partir disso, compreendemos a trajetória de exclusão social e de humilhações sofridas pela participante da exibição de 2021, devido sua origem e seu sotaque. De modo, que decidimos nos aprofundar nesse fato que aconteceu dentro de um dos programas de confinamento mais famosos do nosso país, visando analisar os elementos que motivaram toda a exclusão social de Juliette e como isso é um reflexo da sociedade atual, considerando as motivações que fizeram o público elegê-la como campeã do programa.

No que tange a isso, este artigo procura salientar aspectos aversivos em relação ao estereótipo, xenofobia e ao preconceito linguístico dentro de nossa sociedade. Para isso, temos como base os pressupostos teóricos ligados a sociolinguística (Rosa e Silva, (2020); Lima e Burgeile, (2016); Witkowi, Voges e Franzen (2013); Coupland (2007); e entre outros). Assim como, aportes teóricos associados ao estereótipo e a xenofobia como Vitorino¹, Vitorino², (2018), Leite (2011); Lippmann (2008) e outros estudiosos. Para além do conhecimento, também associamos aspectos relevante a língua e identidade.

1. O surgimento e abordagem da Sociolinguística

O termo “sociolinguística” surgiu pela primeira vez na década de 1950, mas se desenvolveu como uma linha de estudo nos Estados Unidos na década de 1960. Dentre seus precursores está Willian Labov, Gumperz, Dell Hymes e William Bright, que usou o termo *Sociolinguistics* em uma publicação após uma conferência realizada na década de 1966 (SANTOS; SANTANA¹; SANTANA², 2015).

A sociolinguística busca compreender as mudanças linguísticas que cada indivíduo possui em determinado ambiente social, levando em consideração a sua língua

³ COVID19 é uma infecção respiratória causada por um vírus chamado Corona que começou a ser transmitido no ano de 2019 na China e que vem assolando globalmente o mundo até a data dessa publicação.



materna (COUPLAND, 2007). Para os sociolinguistas, a língua é considerada como um sistema comunicativo heterogêneo, por esse viés, essa vertente se apropria dos saberes gramáticos para fomentar suas pesquisas referentes a linguagem (COELHO, 2015; SCHIFFRIN, 2006).

Os estudos relacionados a sociolinguística pertencem a área da linguística que estuda a língua falada tendo como aparato a sociedade, ou seja, trata do uso da língua em situações que envolvem a comunicação real (WITKOWSKI; VOGES; FRANZEN, 2013). Segundo Coupland (2007), todo e qualquer estudo que envolve a variação da língua está voltada para uma construção social. Nesse sentido, o estudo social da linguagem chega a abordar diversas áreas como a antropologia, sociologia e os estudos da própria linguística para identificar as estratégias de linguagem usada por uma comunidade de fala (COUPLAND, 2007).

Desse modo, devemos estabelecer que a competência linguística é desenvolvida desde dos primeiros anos de vida de uma criança, não esquecendo de seu meio social em que essa produz suas falas iniciais como salienta King e Hornberger (2008). Partindo desse pressuposto, a Sociolinguística entende que cada falante pertence a uma localidade ou grupo social com diferentes contextos sociais e culturais desde seu nascimento.

Portanto, essa corrente leva em consideração a faixa etária, o nível de alfabetização, desenvolvimento biológico/fonológico e até mesmo a origem de cada indivíduo para entender as mudanças linguísticas. Compreendendo isso, faremos uma breve contextualização sobre as Variações Linguísticas.

2. O que são as Variações Linguísticas?

Para fins de análise neste artigo, entendemos como necessário determinar os tipos de variação linguística. Por isso, focamos, exclusivamente, os fatores extralinguísticos (ROSAS, SILVA, 2020). Salientamos também que esses recortes serão realizados para efeito de estudo científico, visto que “a variação não atinge somente um



nível da língua e nem se dá a partir de um só aspecto, externo ou interno” (CASSELLA, 2016, p.88).

A variação linguística é caracterizada pelos diversos sotaques e dialetos e, dessa forma, é necessário que se faça uma macroanálise das variedades da língua ou ainda fazer uma microanálise dessas diversificações verbais da fala, já que cada falante contém um histórico cultural por trás de sua capacidade comunicativa como condiz Camacho (2011).

Esses fatos linguísticos nos levam a concluir também que a variação não é um processo sujeito ao livre arbítrio de cada falante, que se expressaria, assim, do jeito que bem entender; muito pelo contrário, a variação é um fenômeno regular, sistemático, motivado pelas próprias regras do sistema linguístico (CAMACHO, 2011, p. 35).

Vale ressaltar, que as línguas e dialetos (variedades de uma língua) “são igualmente complexas e eficientes para o exercício de todas as funções a que se destinam e nenhuma língua ou variedade dialetal são inerentemente inferior a outra ou similar” (CAMACHO, 2011 p. 36). Assim, torna-se possível identificar as características de fala de cada falante, descobrindo sua nacionalidade pelo seu modo de fala mesmo sendo desconhecido, pois a linguagem pode determinar o emissor, o receptor e suas condições sociais através das mudanças linguísticas.

3. Tipos de Variações Linguísticas

De acordo com essas informações, a variação linguística descreve as mudanças da língua segundo os seguintes tipos: variação diatópica (geográfica), variação diastrática (social), variação diafásica (estilística) e variação diacrônica (histórica). Para Witkowski, Voges e Franzen (2013), cada uma dessas vertentes busca agregar de modo particular a diversidade linguística existente de acordo com sua língua materna. De fato, é relevante refletir sobre cada uma delas de modo específico a fim de adentrar a compreensão em torno dos variados contextos de estudo da sociolinguística (WITKOWSKI; VOGES; FRANZEN, 2013).

Dessa forma, iniciaremos pela variação diatópica ou geográfica que têm como função relatar as mudanças linguísticas de regiões distintas dentro de um país que contém



uma mesma língua. Pode-se averiguar que essas variações ocorrem em diferentes níveis linguísticos:

No caso do Brasil, percebemos claramente que existem diferenças, por exemplo, entre os falares gaúcho, paulista, carioca, baiano, etc; assim como também percebemos diferenças entre a fala de indivíduos provenientes de zona rural e a de indivíduos urbanos nas diferentes regiões (GÖRSKI, COELHO, 2009, p.77).

O estudo diatópico surgiu no século XIX com a preocupação inicial de registrar e descrever as variedades linguísticas regionais. No Brasil, iniciou-se com a publicação de *O Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral, *O linguajar carioca* de Antenor Nascentes e *A língua do Nordeste* de Mario Marroquim (WITKOWSKI; VOGES; FRANZEN, 2013). O principal foco dessa vertente linguística é estudar as mudanças em regiões geográficas diferentes sincronicamente e diacronicamente. Isso significa que é possível estudar a língua por intermédio de um determinado espaço de tempo e por meio dos tempos observando sua evolução/transformação.

De acordo com Görski e Coelho (2009), pode-se observar diferenças tanto entre o português além das fronteiras como na Europa (Portugal, Açores, Madeira), na África (Angola, Moçambique, Guiné Bissau) e na Ásia (Goa, Macau) e do português brasileiro, como entre os falantes da região sul e do nordeste, por exemplo:

As variações regionais ocorrem em todos os níveis linguísticos, como podemos observar nos exemplos a seguir: (i) no plano fonético fonológico – as vogais /e/ e /o/ pretônicas, como nas palavras “serrado” e “novela”, são pronunciadas como vogais abertas (é, ó) no nordeste e como vogais fechadas (ê, ô) no sudeste e no sul; (ii) no plano morfológico – o sufixo derivacional –(z)inho agregado à palavra *pai* resulta em *painho* na Bahia e *paizinho* nas demais regiões do Brasil; (iii) no plano sintático – a posposição da negação como em *vou não* é típica do nordeste; (GÖRSKI; COELHO; 2009, p.77).

A variação geográfica “está relacionada a outros fatores relevantes que identificam o falante em uma determinada comunidade linguística como objeto de pesquisa. São eles: a classe social a que o indivíduo pertence, o sexo, a idade e o contexto social” (WITKOWSKI; VOGES; FRANZEN, 2013 p. 88). Por esse viés, duas línguas



acabam coexistindo em um espaço socializado, uma delas considerada superior pela oralidade formalizada de seus oradores e outra linguagem inferior que é utilizada por falantes de classe desfavorecida cujo o uso dessa língua se torna popular e informal.

Em seguida, temos a variação diastrática ou social que está relacionada a fatores concernentes à organização socioeconômica e cultural de um determinado grupo social. Os estudiosos Görski e Coelho (2009) preconizam que essa categoria variacionista está ligada a questões como classe social, o sexo, a idade, o grau de escolaridade, e até mesmo a profissão do indivíduo. Tanto a variação geográfica como a variação social estão instantaneamente ligadas às reações internas que proliferam ou restringem a variação e a mudança linguística, além da identidade do usuário.

De acordo com a variação social, o falante necessita da concordância verbal em que se deve surgir a marcação de adesão semântica e sua escolaridade segundo a representação do emissor. É pertinente dizer que é como se o indivíduo ao se manifestar-se oralmente já revelasse de onde vem e a que classe social pertence (GÖRSKI; COELHO, 2009).

Já a variação diafásica (estilística) corresponde as diversas formas linguísticas pronunciadas por um falante em um determinado contexto social, tendo como aparato a maneira como nos comunicamos no nosso ambiente de trabalho ou como falamos no espaço familiar. Nesse ponto de vista, “o que está em jogo aí são os diferentes ‘domínios sociais’: na escola, na igreja, no trabalho, em casa, com os amigos etc.” (ROSAS; SILVA, 2020, p.49).

No que tange a isso, podemos assimilar a variação estilística como práticas sociais, por exemplo, o uso dos pronomes possessivos:

Ao estudar a variação entre os pronomes possessivos *teu(s)* e *seu(s)*, a partir de amostras de fala da região Sul (projeto VARSUL), ela mostra que nas relações assimétricas de inferior para superior a forma *teu* é desfavorecida (apenas 44%) e a forma *seu* é a mais frequente, indicando um maior distanciamento entre os interlocutores, como se fosse uma forma de respeito. Nas relações assimétricas de superior para inferior a forma *teu* é a preferida (91%) e, nas relações simétricas, a forma próxima e solidária mais frequente é *teu* (91%).[...] a variação estilisticamente marcada dos pronomes tu e você em Santa Catarina: tu usado geralmente em relações simétricas ou nas relações assimétricas



de superior para inferior, enquanto você em relações assimétricas de inferior para superior, marcando relações de poder e solidariedade (GÖRSKI, COELHO; 2009, p.78).

Por último, temos a variação histórica que trata das mudanças que a língua sofre através do tempo. Esta variante diacrônica tende a designar as transformações da língua com o passar dos anos, sendo que essas mudanças não são repentinas, mas vão ocorrendo progressivamente. “Uma novidade na pronúncia começa por um indivíduo e, logo passa à família, amigos e pessoas próximas, abrangendo o círculo até tornar-se coletivo, que é um efeito que não depende do espaço geográfico, mas do tempo” (LIMA; BURGEILE, 2016, p. 74).

Tendo como perspectiva os aspectos trabalhados até aqui e o objetivos deste trabalho, compreendemos como relevante trazer algumas concepções a respeito de Língua e Identidade, pois entende-se que cada falante possui uma identidade linguística a qual é construída desde o seu nascimento, sofrendo diversos processos que provém de aspectos sociológicos, psicológicos e até mesmo culturais que são derivados desde a sua origem (ROSAS; SILVA, 2020).

4. A representação de Língua e Identidade

As diferentes identidades linguísticas são desenvolvidas logo no início da vida. Esse processo passa desde de suas interações sociais e vai prosseguindo com o decorrer das comunicações nos diferentes meios que circulam esse sujeito. Esse indivíduo criará uma permanente mudança de bases de identificação. Ao que se refere a isso, de acordo com Castro (2007), as bases irão se modificar à medida que o falante se imerge nos diversos grupos sociais e comunidade de falas.

No entanto, à medida que esse indivíduo compreende a imposição do uso da norma padrão da língua, ele passa a possuir uma identidade de linguagem associada à sua origem (CASTRO, 2007). Isto é, automaticamente o falante começa a ter um juízo de valor, compreendendo que há um único tipo linguagem aceita socialmente e somente esta será valorizada pelos demais usuários da língua. Com isso, outros possíveis usos da língua



são socialmente desvalorizados, desrespeitando todo valor sócio-histórico construído pelo usuário e sua comunidade linguística.

Nessa direção, defende-se a ideia de que não se pode, em nome de uma identidade inventada, imaginada, “consertar” ou “reformatar” a língua do sujeito e considerá-lo como um “deficiente linguístico”, pois, se fazendo assim, estar-se-á exigindo uma idealização nebulosa de correção linguística, a qual, segundo a gramática normativa, chama-se norma culta (CASTRO, 2007, p. 142).

Levando em consideração, os aparatos teóricos da sociolinguística, entende-se que certas construções linguísticas formam a identidade do falante, o que proporciona constatar diversos fatores sociais como o profissional, o pessoal e até mesmo as regiões de cada país, já que os falantes trazem consigo marcas de suas interações e práticas sociais (ROSAS; SILVA, 2020). Além disso, ao usarmos a língua a fim de produzir significados, traremos, conseqüentemente, os nossos posicionamos segundo suas regras linguística, visto que estaremos considerando a nossa cultura, pois a língua é um sistema social e não um sistema unitário (HALL, 2006).

Partindo desse pressuposto, passamos a compreender que a língua, em práticas sociais e culturais, é usada, na maioria das vezes, como um modo de expressão da identidade (ROSAS; SILVA, 2020). Ademais, a língua está ‘intrinsecamente’ relacionada a cultura de um povo, nacional e regionalmente, já que possuímos a nossas capacidades linguísticas como um meio para que o povo possa representar suas ideologias, sua existência social e sua percepção de nação (LACERDA, 2013).

Ao compreender isso, observamos que existem alguns discursos, em nossa sociedade, que são propagados pelas mídias tradicionais (TV, jornais, rádios) ou pelo ciberespaço (*internet*) que acabam acarretando certos julgamentos errôneos sobre determinados assuntos e fomentam a concepção de que certos valores, crenças, sotaques são superiores que a de uma classe social ou criando tipos de estereótipo (ROSAS; SILVA, 2020). Tendo isso como concepção, torna-se relevante trazer alguns apontamentos a respeito de estereótipo e preconceito linguístico, tendo como viés os teóricos da sociolinguística.



5. Estereótipo e Preconceito Linguístico

A sociolinguística compreende o preconceito e o estereótipo linguístico como atitudes linguísticas como aponta Leite (2011). Ainda segundo a autora, o estereótipo é o mais importante diante dos conceitos relacionados as atitudes. Salienta-se também que atitudes e estereótipos são conceitos diferente, porém eles se entrecruzam.

Define-se atitude como uma “*predisposition to respond in a consistently favourable or unfavourable manner with respect to a given object*” (FISHBEIN; AJZEN, 1975, p. 6). Com isso, o objeto que os autores apontam pode estar relacionado a uma pessoa, um grupo, uma determinada situação, uma variedade de língua, uma variante linguística etc. Já o estereótipo se caracteriza com um dos elementos da atitude.

Então, no âmbito da psicologia social [...] o constructo a que se denomina atitude é composto por três componentes: (i) cognitivo (composto por crenças e estereótipos); (ii) avaliativo (composto por valores afetivos relacionados às crenças) e (iii) conativo (composto pelo comportamento, conduta – determinados pelos dois componentes anteriores). [...] os estereótipos compõem esse constructo, e a formação das atitudes é precedida pelo processamento de informações, ou seja, uma atitude pessoal em relação a um objeto é baseada em suas crenças a respeito desse objeto (LEITE, 2011, p.93).

Além disso, os estereótipos são avaliativos, criam expectativas, podendo ser caracterizados com um tipo de sistema mental e como “imagens em nossas mentes” como define Lippmann (2008, p.37). Compreendendo, assim, que o homem presume “que o que cada homem faz está baseado não em conhecimento direto e determinado, mas em imagens feitas por ele mesmo ou transmitidas a ele” (LIPPMANN, 2008, p. 37).

Essas imagens exercem uma função importante nas relações dos povos em sociedade, de acordo com Leite (2011, p.94), pois “são elas que irão determinar o que eles farão, mas não aquilo que alcançarão”. Ademais, Leite (2011, p. 94) aponta que as imagens estereotipadas “pouparam tempo e funcionam como uma defesa dos homens em sociedade”, já que “elas tendem a preservá-los do efeito desconcertante de, verdadeiramente, ver o mundo e compreendê-lo de forma mais ampla”.



Assim, as imagens que permeiam a relação com o real são “representações cristalizadas” por meio das quais os indivíduos filtram a realidade que os envolve (LEITE, 2011, p.93). Embora sejam fictícias, não podemos categorizá-las como falsas, “uma vez que expressam um imaginário social”, posteriormente, estudos que categorizaram “estereótipos como crenças, julgamentos ou sistemas conceituais” (LEITE, 2011, p.93). De acordo com a autora, os estereótipos podem ser entendidos como os fornecedores dos conteúdos das categorias sociais. Existem três aspectos que são primordiais no processo de estereotipização:

(i) outros indivíduos são categorizados, baseado, geralmente, em características facilmente identificáveis, tais como sexo, etnicidade, estilo de fala; (ii) um conjunto de características, papéis, emoções, habilidades, interesses etc. é concedido a todos (ou quase) os membros dessa categoria; (iii) os indivíduos que pertencem ao grupo estereotipado são considerados similares uns aos outros e diferentes de outros grupos, quanto a esse conjunto de atributos (LEITE, 2011, p.95).

Além disso, por mais que seja de forma indireta, os estereótipos acabam favorecendo a integração social dos sujeitos, já que isso acontece, pois existe uma adesão a uma opinião estabelecida ou a uma ideia compartilhada; há também uma identificação a uma coletividade que assumi seus modelos estereotipados. Assim, o indivíduo “substitui seu próprio julgamento por aquele que é adotado pelo grupo ao qual deseja integrar-se”, além de fazer com que reivindique, “implicitamente, o reconhecimento da sua pertença” (LEITE, 2011, p.95).

Os estereótipos cumprem, portanto, um papel importante na vida social. Nota-se esse aspecto em comunidades minoritárias, pois há “uma defesa de identidade por parte dos membros dessas comunidades contra a ameaça de desaparecimento com a reafirmação de seus estereótipos de origem” (LEITE, 2011, p.96). Além da identidade social, o estereótipo auxilia a reforçar a autoestima que pode ser entendida como a avaliação que o indivíduo faz de sua própria *persona*.

Pode-se salientar também, de acordo com a autora supracitada, que “se negativo, o estereótipo se vincula a questões relacionadas ao preconceito e à tensão entre grupos sociais; se positivo, relaciona-se às questões de identidade social” (LEITE, 2011, p.97).



Além disso, os conceitos que se referem ao termo estereótipo (por estarem relacionados à opinião e à expressão individual), tornaram-se tema de diferentes campos das ciências humanas e são bastante presentes quando se refere da inter-relação entre linguagem e sociedade.

O preconceito linguístico, diretamente relacionado à ideologia linguística, discrimina as pessoas com base no seu modo de falar. Na expressão ‘bom português’, a discriminação acontece porque o conhecimento da gramática normativa e o uso da variedade padrão são valorizados [...] ao mesmo tempo em que as variedades linguísticas não padrão, faladas pelos grupos marginalizados, são estigmatizadas e as pessoas que as usam são associadas à pobreza e incapacidade (SILVA, 2019, p.3).

Partindo da concepção supracitada, Silva (2019) aponta que essas representações estão associadas a ideologias linguísticas conservadoras que são disseminadas pelos meios de comunicação no Brasil em que o preconceito discrimina os sujeitos que fazem parte de variantes linguísticas de pouco prestígio.

Apesar de diversos livros de gramática e estudiosos disseminarem vários mitos (o português é muito difícil; as pessoas sem instrução falam errado; a língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente; o certo é falar assim porque se escreve assim; é preciso saber gramática para falar e escrever bem etc), eles são facilmente desmitificados (ROSA; SILVA, 2020).

Como foi realizado no livro *Preconceito linguístico: o que é, como se faz* do estudioso Bagno (2002). Nessa obra, o pesquisador realiza uma crítica em relação a valorização da língua escrita sobre a língua falada, argumentando que “infelizmente, existe uma tendência (mais um preconceito!) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar ‘do jeito que se escreve’, como se essa fosse a única maneira ‘certa’ de falar português” (BAGNO, 2002, p.115).

Vale ressaltar também que o ser humano age por intermédio da língua e por meio dela, fazendo com que toda atitude de preconceito linguístico afete os indivíduos e sua forma de existir, de ser; ferindo sua alteridade, acaba com seu trânsito social, interrompe seus processos autorais (BRANDÃO; BIAZOLLI, SENE, 2020).



No entanto, para o preconceito linguístico há um hiato nas leis, visto que não existe punibilidade para ele. Como há para o racismo, o sexismo, a homofobia e a xenofobia, em que a justiça foi conquistada historicamente por intermédio de leis punitivas para discriminadores. No entanto, “o preconceito linguístico insurge contra milhões de falantes em uma sociedade em que ele não só não é condenado, como é estimulado” (BRANDÃO; BIAZOLLI; SENE, 2020, p.228).

No que tange a isso, o preconceito contra as variantes da língua fazem parte dos aspectos xenofóbicos que é também produto resultante dos estereótipos:

Em termos gerais, a xenofobia pode ser entendida como o comportamento de aversão ao estrangeiro que comine na negativa ou restrição irrazoável do exercício de direitos humanos (e fundamentais), reconhecidos pelo ordenamento jurídico pátrio aos estrangeiros, por receio ou medo de “nocividades” decorrentes do impacto cultural, econômico, social, religioso, que pode ocorrer com a chegada do migrante alienígena (VITORINO¹; VITORINO², 2018, p.100).

Conclui-se, então, que a xenofobia faz parte do processo de estereotipização e que a mesma é o medo e a aversão ao estrangeiro, em que o preconceito faz com que o indivíduo pratique o ódio e em casos extremos chegue à violência. Para o xenofóbico, em seu espaço existe um limite que seria o dentro e o fora, “o dentro é a sua zona de conforto, seu lar onde possui valor simbólico, suas culturas etc”. Já o fora “se torna o estranho, uma cultura e aparência totalmente diferente da sua, a partir daí ele passa a rejeitar essa cultura divergente onde começa a recusar o estranho” (SANTANA, 2019).

Por fim, os meios de comunicação acabam fazendo com que certos indivíduos reproduzam esses determinados comportamentos e discursos que acarretam a exclusão social. Com isso, percebemos a relevância de mostrar que o estereótipo, a xenofobia e o preconceito linguístico imperam em nossa sociedade e afetam o emocional dos sujeitos, causando sofrimento, dor, depressão, isto é, quando a sociedade menospreza suas capacidades e em casos mais graves podem até chegar a agressão, a violência etc. No próximo tópico, faremos uma breve contextualização sobre o nosso objeto de análise.

6. Objeto de Análise



Diante do exposto, utilizaremos recortes de vídeos associados ao programa de entretenimento do *Big Brother* Brasil da edição de 2021 (BBB21) apresentado por Thiago Leifert e transmitido pela rede Globo que de certo modo reflete comportamentos que acontecem em nossa sociedade como o racismo, machismo, xenofobia, preconceito linguístico e entre outros.

O programa contou com o número de vinte participantes dentre esses famosos e anônimos, que são divididos em categorias como: “Pipoca” para os desconhecidos (dez) e “Camarote” para os que estão nas mídias (dez). A edição de 2021 é marcada como uma das mais polêmicas em que uma das participantes Karol Conká (uma cantora de rap, conhecida por suas músicas e lutar por causas como o racismo e machismo) ocasionou alguns episódios de ódio e pressão psicológica em alguns convidados da edição.

Levando isso em consideração, umas das integrantes proveniente do Nordeste, da Paraíba, formada em Direito e Letras (não famosa) conhecida como Juliette Freire campeã do BBB21, tornou-se uma das principais vítimas de Karol e seus aliados durante o confinamento de cem dias. Isto é, diversas cenas de preconceito derivados pela sua origem e pelas falas predominantes do Nordeste brasileiro foram banalizadas pela cantora.

Por essa razão, buscaremos nessa pesquisa associar os aparatos da sociolinguística e entre outros estudos para explicar em específico a aversão e discriminação sofrido por Juliette Freire. Acrescentamos que alguns participantes terão seus nomes preservados, porém, como se trata de um programa de TV aberta alguns nomes serão citados nesta pesquisa.

7. O Esteriótipo e Preconceito Linguístico nos meios Televisivos

Logo no início do programa a participante Juliette veio a ser excluída por parte da casa pelo seu comportamento diferenciado, como consta a convidada nesse breve comentário: “_ Eu em qualquer lugar, eu sou uma pessoa estudada e tal, e, mas onde eu chego as pessoas me tratam como analfabeta [pausa] é, me tratam como matuta, como burra [...]” (FREIRE¹, 2021). Para Leite (2011) existem três tipos de estereótipos que o indivíduo pode ser rotulado inicialmente, que é pelo estilo de fala, pelas características e



emoções, quer seja por não se enquadrarem em grupos ou pertencerem a um conjunto de pessoas diferentes, como acontece com a participante por ser nordestina.

Cabe salientar que parte dos integrantes do *Reality* acabam tendo o contexto social ou estilo de vida semelhantes uns aos outros, especialmente, os famosos que tentam trazer um discurso que abrace causas humanitárias para ganhar o favoritismo do público.

No entanto, essas celebridades muitas vezes criam personagens para poderem serem aceitos pelos telespectadores, mas na exibição terminam sendo desmontados quando se deparam com a Paraibana, que possui uma cultura, um modo de expressar diferente dos demais, trazendo como principal característica o seu sotaque nordestino. Desse modo, a xenofobia pode ser a recusa decorrente do impacto cultural, ou seja, de novidades trazidas por um indivíduo de nacionalidade ou de comportamentos divergentes (VITORINO¹; VITORINO², 2018), dificultando a adaptação daquele que é diferente (naquele contexto seria a participante Juliette).

Desse modo, os estereótipos que foram produzidos pela mídia refletem no comportamento dos participantes que, não somente no *Reality*, acabam julgando a participante por causa de sua cultura e de sua origem. Além disso, esses são os primeiros sinais ocorridos dentro da exibição, ao perceber que o grupo a estava excluindo e Juliette argumenta:

[...] É sim! Em muitos lugares porque eu frequento lugares da alta sociedade... e São Paulo, Rio, Brasília esses lugares as pessoas acham que no Nordeste é mato, seca, jumento e analfabeto, e não é! Eu tenho amigos de São Paulo que me “trolam”, que me tentam, tentam me “trolar” ... até hoje pessoas estudadas mestrado e doutorado que fazem piadas com coisas arcaicas [...] (FREIRE¹, 2021).

De acordo com o excerto, percebe-se que o lugar de origem de Juliette, por ela ser nordestina, faz com que ocorra a exclusão social da participante, pois chegam a duvidar da sua intelectualidade e capacidade. Pode-se dizer que isso está relacionado ao estereótipo que foi construído em nossa sociedade em relação ao povo nordestino.

Sobretudo, aos aspectos que foram atribuídos a essa região, como a pobreza, escassez, analfabetismo, entre outros, sabemos que o Nordeste possui diversos pontos



positivos que não são destacados. No que diz respeito a isso, a sociolinguística tem como um dos fatores de estudo a variação geográfica para as variantes da língua portuguesa, pois, cabe a esse eixo linguístico identificar “a classe social a que o indivíduo pertence, o sexo, a idade e o contexto social” e, com isso, fazer com que os falantes compreendam as mais diversas variedades que possuímos na Língua, acima de tudo respeitando-as (WITKOWSKI; VOGES; FRANZEN, 2013 p. 88).

Levando isso consideração, Silva (2019) também aponta que as variações linguísticas são interligadas a comunidades subdesenvolvidas ou por falantes dados como incapazes linguisticamente. A própria participante tem consciência dos pensamentos que perpassa quando alega na citação acima: “[...] as pessoas acham que no Nordeste é mato, seca, jumento e analfabeto, e não é!” [...] (FREIRE¹, 2021).

Apesar das tentativas de se adaptar e ser aceita pelos participantes, Juliette desabafa sobre as indiretas de seus colegas de confinamento: “Juliette: Me “mangando” tirando onda do meu sotaque, me imitando. Participante 1: Quem fez isso? Juliette: _ Várias pessoas.” (FREIRE², 2021). De fato, isto ocorre pela valorização da gramática normativa ou da língua padrão dando resultado ao preconceito linguístico (SILVA, 2019).

Infelizmente, muitos fatores são levados em consideração dentro desse programa de entretenimento pelos competidores, dessa maneira, gestos, articulações ou até mesmo comidas típicas da região do Nordeste são apontadas contra a campeã do BBB21, assim como a tonalidade de sua voz:

Participante 6: _ ainda fala alto?

Karol Conká: [sons com a boca imitando o sotaque de Juliette].

Participante 6: _ porque tem isso né, não consegue puxar aqui [...] (gesto com a mão).

Karol Conká: _ Não consegue manter aqui (gesto com a mão).

Participante 6: _ Você não tem noção de quando a gente estava alí do lado, que era o nosso, ... em quem a gente ia votar, não conseguia manter aqui no “pianinho” a voz começa a subir “bap, bap, bapu... BAA” (aumento da tonalidade de voz e gesto com a mão fazendo referência ao elevação da voz de Juliette).

Karol Conká: _ (Risadas). (FREIRE², 2021).



No que tange a isso, Görski e Coelho (2009) apresentam que a tonalidade dentro das falas são impulsionadas pelos fatores fonéticos e fonológicos, tendo como aparato a localidade regional, seja na Bahia, Pernambuco, Santa Catarina ou em qualquer outro estado. Salienta-se que até mesmo os outros participantes possuem variantes linguísticas, porém não são notadas pelo simples fato de pertencerem a grupo de falantes de contexto social considerados mais aceitos por estarem localizados em regiões mais valorizadas.

Isto ocorre pois as variantes linguísticas acabam tendo pouco valor de prestígio, quando pertencentes a territórios inferiores como no caso do Nordeste (SILVA, 2019). Ou seja, nem mesmo a posição social de Juliette sobrepõe a seu contexto social de origem por conta da grande valorização da variantes dominantes.

No trecho a seguir, a cantora hostiliza novamente o sotaque da Paraibana, evidenciando o sotaque da região sul (Karol Conká reside em Curitiba – Paraná). Com isso, a participante dá a entender que pessoas que moram nessa região são mais “educadas”, destacando também que possui estudo e cultura “por mais que eu seja artista e rode o mundo”, falando que Juliette não possui os mesmos conhecimentos, apesar de possuir duas graduações, ou seja, vemos aqui um preconceito estabelecido pela cantora e um caso evidente de xenofobia.

Karol Conká: porque ela falou isso, isso e essa pessoa, diz: não, mas é o jeito dela, porque lá na terra dessa pessoa é normal falar assim e eu sou de Curitiba, entendeu? E é uma cidade reservadinha, e por mais que eu seja artista e rode o mundo, eu tenho os meus estudos, eu tenho muita educação para falar com as pessoas, eu tenho meu jeito brincalhão, mas reparem que eu não invado, eu não passo. Não fico nem pegando nas pessoas, só daí essa pessoa pegou e falou: “não foi por mal” e eu já estava assim: “hum, está com alguma coisa comigo” (CONKÁ, 2021).

Além disso, a exclusão sofrida durante o *Reality Show* por parte dos participantes só fez com que o público admirasse mais a personalidade e o carisma da advogada. Embora, o preconceito linguístico e a xenofobia estejam presentes em nossa sociedade, as pessoas ainda não possuem muito conhecimento a respeito disso.

Em seguida, Karol Conká, utilizando o sotaque sulista, hostiliza mais uma vez o sotaque de Juliette. O preconceito linguístico está comumente relacionado à ideologia da



língua, isto é, tem-se um ideal de língua, o que ocasiona a discriminação das pessoas com base no seu modo de falar (SILVA, 2019).

Karol Conká: _ eu não aguento! eu tenho pavor de gente egoísta, sem educação, deselegante, gente sufocante, delirante, é ... eu tenho vontade de fazer assim: “O que que é o “bosta”?!”. Só que daí eu só faço assim ó (faz gesto com o rosto) (FREIRE², 2021).

É importante dizer que Juliette compreende que o seu sotaque é distinto e que é relevantemente gracioso fazendo parte de sua personalidade, como a mesma afirma: “[...] Mas, eu digo colega [...] sem intenção as vezes [...] mas, é como se isso fosse naturalizado. Como se fosse um negócio de ‘bullying’ (menção ao preconceito linguístico), só que é lindo (faz referência ao próprio sotaque)” (FREIRE¹, 2021).

Portanto, diante do que foi exposto, percebe-se que o preconceito linguístico e a xenofobia acontecem de forma velada e ainda implícito em nossa sociedade. Apesar de Juliette tem ganhado o apoio do público, isso ocorre, pois o programa é filmado vinte quatro horas por dia, transmitido por uma rede de televisão aberta, mas no nosso cotidiano, existem diversos casos que acontecem e não há punição para isso.

Além disso, o estereótipo que foi criado do povo nordestino, dá-se muito graças as novelas, aos programas de humor que trazem informações e conhecimentos que por vezes são contrários a respeito das variações linguísticas dessa região. Nesse caso, a sociolinguística é uma forma de diminuir esse tipo de comportamento pautados linguisticamente em nossa sociedade.

Considerações finais

Longe de esgotarmos o tema aqui proposto, nota-se que o preconceito linguístico está implícito dentro das diversas esferas sociais como é abordado dentro do *Reality Show* transmitido por essa rede de televisão (TV). Por esse motivo, não devemos romantizar as agressões verbais ou físicas quanto aos aspectos linguísticos ou xenofóbicos dentro da sociedade.

Podemos afirmar que sofremos constantes mudanças linguísticas por conta da globalização, isto é, o acréscimo de línguas, sotaques e dialetos dentro de um idioma ou



variação da língua dentro de regiões, as vezes até por conta das plataformas digitais. Nesse sentido, a aversão sofrida por demais falantes não podem ser acometidas de forma banalizada como ocorre diante de câmeras de um programa de TV em que milhões de pessoas estão assistindo, adiantamos, que alguns telespectadores estão vinte quatro horas ligados a esse tipo de entretenimento, pois a *internet* possibilita o acesso as mais diferentes classes sociais.

Sobretudo, é possível perceber que alguns desses participantes não se sentem culpados pelas agressões verbais, pela ridicularização ao sotaque de Juliette mesmo sabendo que estão rodeados por câmeras, ou seja, já estão acostumados como esse tipo de comportamento dentro ou fora dos contextos televisivos ou digitais. Infelizmente, as chacotas pelo sotaque, pela cultura nordestina estavam naturalizadas em nossa sociedade.

Convenhamos que esse tipo de discriminação não pode ser natural dentro de uma comunidade totalmente permeada por variantes linguísticas como o Brasil. Além de ser um país miscigenado com vários tipos de pessoas (negras, brancas, indígenas asiáticas...) e que contém um grande número de sotaques por conta dos diversos idiomas agregados dentro do nosso território nacional.

Abrangemos que o caso da campeã se torna mais nítido por se enquadrar dentro de padrões sociais elevados como é a área de advocacia. Apesar da Campeã do programa possuir uma origem humilde, trabalhou como cabeleira, maquiadora, vinda do Nordeste que conseguiu crescer ao ponto de ganhar milhões de seguidores nas redes sociais. De certa forma, faz com que as pessoas se identifique com a sua história, trazendo uma representatividade.

Em suma, priorizamos que a sociedade entenda a importância das variações linguísticas em nosso meio. De modo, que as pessoas saibam das diferentes culturas presentes no nosso âmbito social, seja pela língua ou por comportamentos. Acreditamos em uma humanidade que possa respeitar a diversidade linguística, além de compreender as regiões presentes no território brasileiro e suas peculiaridades. De maneira, que casos como esses não ocorram novamente, logicamente, também prezamos por um país que busque mais saber sobre os estudos de sociolinguística.



REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico** – o que é, como se faz. 15 ed. Loyola: São Paulo, 2002.

BRANDÃO, Sílvia Maria; BIAZOLLI, Caroline Carnielli; SENE, Marcus Garcia. Preconceito linguístico dentro e fora da rede: o projeto a construção dos corpora e os resultados preliminares. **Falange Miúda**, v.5, n.2, p.222-243, 2020.

CAMACHO, Roberto Gomes. Norma culta e variedades linguísticas. In: **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica - Unesp, p. 34-49, v. 11, 2011.

CONKÁ, Karol. **Karol Conká é xenofóbica ao fazer comentário sobre Juliette – BBB21**. Publicado por: johndevonne. Segundos: 56; 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SqzbE11XcT0>

CASELLA, C. A. de O. A Representação da Variação Linguística em Tirinhas de Chico Bento (Dossiê História em Quadrinhos: Criação, Estudos da Linguagem e usos na Educação). **Revista Temporis [Ação] (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás)**. Cidade de Goiás; Anápolis. V. 16, n. 02, p. 82-96 de 469, número especial, 2016.

CASTRO, Antonilma Santos Almeida. **Língua e Identidade: problematizando a diversidade linguística na escola**. Feira de Santana: Sitientibus, n. 37, p.135-149, 2007.

COELHO, Izete Lehmkuhl. **Para compreender sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COUPLAND, Nikolas. **Style: Language variation and identity**. United States of America, New York: Cambridge University Press, 2007.

FISHBEIN, M.; AJZEN, I. **Belief, attitude, intention and behaviour: an introduction to theory and research**. Massachusetts: Addison-Wesley, 1975.

FREIRE¹, Juliette. **Juliette fala sobre os preconceitos que sofre por ser do Nordeste (Xenofobia)**. Publicado por: Área do Curioso. Minutos: 1:35; 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GVc1qp9UX7w>

FREIRE, Juliette. **Karol Conká e Participantes Debochando do Sotaque da Juliette**. Publicado por: Viking. Segundos: 56; 2021. Disponível em: <https://youtu.be/UD8S7pvMbdM>.

KING, Kendall A; HORNBERGER, Nancy H. In: **Encyclopedia of Language and Education: Research Methods in language and Education**. Springer Science + Business Media LLC, p. 27-39, v. 10, 2008.

LEITE, Cândida Mara Britto. Estereótipos sociais e suas implicações para os estudos sociolinguísticos. **Estudos da Língua (gem)**, v. 9, n. 1, p. 91-104, 2011.

LIMA, Danielle Constantino; BURGEILE, Odete. **Uma perspectiva sociolinguística no estudo diacrônico da língua em matérias jornalísticas de Rondônia**. II Congresso



Internacional de Linguística e Filologia, XX Congresso Nacional de Linguística de Filologia, Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2016.

LIPPMANN, W. **Opinião pública**. Tradução e prefácio de Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008. Primeira Edição: 1922. Coleção Clássicos da Comunicação Social.

ROSAS, Angélica Prestes; SILVA, Naraiane Taís. **Uma perspectiva sociolinguística sobre identidade e esteriótipo no discurso humorístico Stand Up Comedy**. Diálogo e Interação, CP, v. 14, 2020.

SANTOS, Samuel; SANTANA, Joice Lima; SANTANA, André Luiz Ferreira. **A variação linguística e o preconceito linguístico no âmbito escolar**. Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional, v. 8, 2015.

SANTANA, Sabrina Bezerra. **Xenofobia no Brasil e a aplicabilidade da lei nº 7.716/89**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Centro Universitário Tabosa de Almeida - ASCES/ UNITA, 2019.

SILVA, Antonio Jose Bacelar da. Português de arremedo: um lado do preconceito linguístico no Brasil. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, v. 61, p. 1-19, 2019.

SCHIFFRIN, Deborah. **In other words: variation in inference and narrative**. United States of America, New York: Cambridge University Press, 2006.

VITORINO, Cleide Aparecida; VITORINO², William Rosa Miranda. Xenofobia: política de exclusões e de discriminações. **Revista Pensamento Jurídico**, v. 12, n. 2, 2018.

WITKWSKI, Rejane; VOGES, Márcia Cristina Neves; FRANZEN, Bruna Alexandra. **A Sociolinguística e suas principais correntes de estudo**. Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI): Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura (LED0168) - Sociolinguística – Prática, 2013.

Recebido em: 02/08/2021 | Aprovado em: 23/09/2021.
